

RELAÇÃO ADULTO-CRIANÇA: ALGUNS DESDOBRAMENTOS CONTEMPORÂNEOS

ANNE STONE¹; CAMILA PEIXOTO FARIAS²

¹Universidade Federal de Pelotas – stoneanne@live.com

²Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A discussão proposta no presente resumo é parte de um Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas, e vinculado ao Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicanálise - Pulsional. A pesquisa em questão se propõe a refletir sobre possíveis inserções da relação adulto-criança no cenário contemporâneo ocidental, tendo como foco o registro da alteridade nos cuidados dirigidos à criança.

Como base teórica para esta discussão, utilizamos a teoria laplancheana, que nos oferece subsídios importantes para refletirmos sobre a relação inicial entre adulto e criança. LAPLANCHE (1988) nos aponta para aspectos como a prioridade da relação inicial de cuidados, promovidos pelo outro adulto, para os processos de constituição psíquica da criança. Para pensarmos nas especificidades do cenário contemporâneo em que se inserem adulto e criança, utilizamos autores como BIRMAN (2014) e FIGUEIREDO (2009). Esses autores indicam que a contemporaneidade se apresenta, muitas vezes, como um cenário marcado pelo individualismo. Sendo assim, temos o seguinte questionamento como norteador de nossa discussão: como podemos pensar a questão da alteridade – fundamental para viabilizar o exercício do cuidado na relação adulto-criança, conforme discutiremos a seguir –, diante de uma lógica individualista contemporânea? A partir desse questionamento, tentaremos indicar possíveis efeitos psíquicos de tais atravessamentos contemporâneos na relação adulto-criança.

2. METODOLOGIA

Enquanto metodologia, fizemos uso do método psicanalítico, a fim de viabilizar uma produção teórica em psicanálise. Ancoradas em tal modalidade de pesquisa, temos como alvo de reflexão alguns processos socioculturais e fenômenos psíquicos (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006) que podem atravessar aspectos que marcam a relação adulto-criança. Tendo a pretensão de ser produção teórica, pensamos ser relevante trazer a ideia de FIGUEIREDO e MINERBO (2006) de que a pesquisa psicanalítica não se limita a uma clínica no que tange à sua ideia restrita: ela se relaciona também a uma clínica extensa. Isso leva a considerar que é possível encontrar muitos outros campos operantes e passíveis de análise (HERRMANN, 2004) para além do âmbito clínico *stricto sensu*.

Além desses aspectos apresentados, salientamos que uma das principais características da pesquisa utilizando o método psicanalítico é a relevância da singularidade que é produzida na relação transferencial e contratransferencial entre a pesquisadora e o tema de sua pesquisa (FIGUEIREDO; MINERBO, 2006)

e no diálogo com autoras e autores. Ainda de acordo com o que propõem FIGUEIREDO e MINERBO (2006), esse corpo-a-corpo faz dissipar a distância respeitosa entre a pesquisadora e seu referencial teórico, distância muitas vezes defendida por outros métodos de pesquisa. FIGUEIREDO e MINERBO (2006) propõem que essa relação, esse corpo-a-corpo, constitui e transforma não só o objeto de pesquisa, mas também a pesquisadora e os instrumentos de investigação utilizados. Ao levarmos em consideração a singularidade da produção da pesquisa, aceitamos a inevitável temporalidade – e suas limitações – que circunda as construções teóricas. Ou seja, entende-se a pesquisa como uma produção inevitavelmente enviesada pela subjetividade de quem a produz. Isso a torna, portanto, não replicável, provisória e parcial (DOCKHORN; MACEDO, 2015).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A teoria laplancheana indica que o início da vida é assinalado por uma Situação Antropológica Fundamental: o recém-nascido se encontra inscrito no plano da autoconservação, em um momento anárquico das pulsões, totalmente dependente de um adulto que já possui a sexualidade inconsciente como soberana sobre as outras forças psíquicas LAPLANCHE (2003). Ou seja, a criança é, desde o início, confrontada com um mundo sexual adulto cheio de significados, cheio de mensagens que excedem as suas capacidades de apreensão e de controle (LAPLANCHE, 1988). Consideramos que tais mensagens transmitidas pelo adulto não se encontram somente - e nem principalmente - no plano da comunicação verbal; elas são também transmitidas por sistemas de comunicação semiótica que se engendram nos gestos, nas mímicas, nas posturas, nos olhares desse adulto, por exemplo (LAPLANCHE, 1988).

A criança, sendo objeto passivo de cuidados, é, conforme visto, confrontada com a onipotência de um mundo adulto infiltrado por significados inconscientes e sexuais. Mas a manifestação subjetiva da criança, dada posteriormente a esse tempo passivo de confrontação, também se dá graças a essa onipotência do adulto. Isso porque o adulto, gradativamente, transmite também as possibilidades tradutivas para ligar o pulsional infantil até então desligado, desorganizado, anárquico. Ou seja, o adulto que veicula as mensagens enigmáticas à criança, veicula também as possibilidades de tradução dessas mensagens enigmáticas – ponto que nos leva a considerar a alteridade, a relação com o adulto como fator fundamental para os processos de constituição psíquica da criança. Mas para além disso, o diálogo entre adulto-criança é, para LAPLANCHE (1992), parasitado pela intervenção do inconsciente do adulto, principalmente pelo inconsciente *infantil* do adulto. Isso porque cuidar remete aos momentos em que o adulto foi objeto passivo de cuidado, e remete a como o seu próprio pulsional anárquico – o pulsional em seu aspecto menos “civilizado”, desligado – foi acolhido durante esse período. Isso parece indicar que, ao cuidar, o adulto é também confrontado com afetos que remetem à sua própria Situação Antropológica Fundamental (LAPLANCHE, 1992).

Parece ser possível considerarmos que toda complexidade que envolve o encontro com a criança tende a demandar do adulto um tempo muito singular de cuidado, que transita, então, por aspectos como o reconhecimento da criança enquanto outro, pela elaboração dos afetos que o encontro com esse outro

produz, pelos afetos que remetem à sua própria situação de passividade, que remetem às relações de cuidado vivenciadas. Demanda do adulto, portanto, um tempo de cuidado historicizado, que envolve questões como a mediação e a elaboração dos afetos produzidos pelo encontro com a criança. Diante disso, sugerimos pensar mais atentamente sobre esse encontro com a criança na contemporaneidade, tendo como foco o registro do tempo e da alteridade.

DEBORD (1967) propõe que o tempo dos sujeitos parece ter assumido novas nuances: ele não serve somente para a produção de mercadorias – materiais e imateriais –, mas passa a ser, ele próprio, o tempo, uma mercadoria. E, sendo o próprio tempo uma mercadoria, ele seria gradativamente e qualitativamente expropriado dos adultos produtores e consumidores contemporâneos. Compreendemos, aqui, que um tempo na sua dimensão qualitativa seria um tempo mediado, dinâmico, não cronológico, que permite a historicização do sujeito; permite o movimento psíquico entre passado, presente e futuro. Na esteira dessa problemática, PELBART (2018) comenta sobre como são requisitados dos adultos trabalhadores que a vitalidade cognitiva e afetiva, no que ele chamou de uma “dimensão subjetiva e extraeconômica” (PELBART, 2018, pág. 23), seja também posta a trabalhar dentro da lógica capitalista de superprodutividade. Consideramos que a lógica individualista observada no contemporâneo seja um dos possíveis desdobramentos dessa convocação de uma subjetividade extraeconômica (PELBART, 2018), dessa supressão qualitativa temporal (DEBORD, 1967) dos adultos na contemporaneidade.

Autores como BIRMAN (2014) e FIGUEIREDO (2009) apontam justamente para um movimento na contemporaneidade que valoriza uma dinâmica individualista, imediatista, indisponível ao outro. Isso nos leva a considerar um possível comprometimento do registro da alteridade – tão necessária, como vimos, nos cuidados iniciais de uma criança. O exercício do cuidado das crianças, como indicamos, pressupõe um modelo prioritariamente alteritário de relação. Tentamos evidenciar que o cuidado se vincula muito mais a relações marcadas pelo reconhecimento e interlocução com o outro do que ao individualismo. Quando a relação com a criança se encontra muito marcada pela dinâmica individualista contemporânea, colocando em xeque a alteridade, podemos considerar um possível comprometimento do cuidado, fator que certamente se desdobrará de formas muito singulares a depender de cada criança, de cada adulto, de cada contexto mais específico em que ambos se inserem.

Apostamos que uma possível consequência do comprometimento da alteridade na relação adulto-criança seja de que o adulto passe a controlar excessivamente as manifestações anárquicas do pulsional da criança, e dele próprio. Esse impasse causado por uma indisponibilidade ao outro, indisponibiliza também a promoção de potenciais espaços de elaboração dos afetos produzidos pelo encontro com a criança. Ao controlar excessivamente as manifestações pulsionais anárquicas produzidas por esse encontro, o adulto pode inviabilizar e/ou dificultar os processos elaborativos que possibilitam o gradual encaminhamento do pulsional (processo psíquico fundamental não só para a criança, mas também para o adulto). Além disso, de acordo com RODRIGUES & GONDAR (2018), o encontro com a anarquia pulsional (apresentada pela criança) potencialmente imputa fendas no circuito pulsional do adulto, tornando-o mais plástico, permitindo espaço para a diferença, para o caótico. Para finalizar, salientamos que o trabalho de gestão do pulsional (BIRMAN, 2014) – em que os recursos psíquicos provindos pelas relações alteritárias se faz essencial – é um trabalho que deve perdurar ao longo da vida de um sujeito, não se limitando

apenas aos momentos iniciais. E isso requer tempo e disponibilidade afetiva para o encontro com o outro, e consigo mesmo.

4. CONCLUSÕES

Concluimos como relevante apontar para uma possível problemática que marca a relação adulto-criança, bem como indicar a importância de convocar a produção de reflexões sobre o cuidado nessa relação, os elementos que parecem torná-lo viável, e como tais fatores se veem atravessados por aspectos da contemporaneidade. Consideramos também que, diante do atual cenário pandêmico que vivemos, em que podemos observar uma intensa reorganização dos modelos de cuidado das crianças, torna-se ainda mais urgente a produção de reflexões sobre as atuais relações de cuidado entre adultos e crianças. Além disso, salientamos a potencialidade do referencial psicanalítico para criar tensionamentos com aquilo que está posto culturalmente falando, por exemplo: um mundo adulto cuja atual organização parece interferir consideravelmente na disponibilidade ao cuidado das crianças.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIRMAN, J. O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DEBORD, G. A sociedade do espetáculo (R. Guedes, Trad.). Rio de Janeiro: Contraponto, 1967.

DOCKHORN, C. N. de B. F.; MACEDO, M. M. K.. Estratégia clínico-interpretativa: um recurso à pesquisa psicanalítica. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 31, n. 4, p. 529-535, 2015.

FIGUEIREDO, L. C. As diversas faces do cuidar: considerações sobre a clínica e a cultura. In Maia, M. S. (Org.). *Por uma ética do cuidado* (pp. 121-141). Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

HERRMANN, F. Pesquisando com o método psicanalítico. In Herrmann, F., & Lowenkron, T. S. (Orgs.). *Pesquisando com o método psicanalítico* (pp. 43-83). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

LAPLANCHE, J. Teoria da sedução generalizada e outros ensaios. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a psicanálise*. (C. Berliner, Trad.). São Paulo: Martins Fontes, 1992.

PELBART, P. P. *Vida capital: ensaios de biopolítica*. São Paulo: Iluminuras, 2018.

RODRIGUES, A. A.; GONDAR, J. Elementos para repensar a sublimação: pulsão de morte e plasticidade psíquica. Rio de Janeiro: Tempo psicanalítico, 2018.